

Narrativas ao léu

PABLO RUBÉN MARICONDA

A Filha de Galileu. Dava Sobel. Tradução: Eduardo Brandão. Cia. das Letras, 385 págs.

Este livro de Dava Sobel tem o mérito de tornar acessível, em excelente tradução, uma parte significativa do conjunto de cartas escritas por Virgínia Galilei a seu pai. A autora soube entremear as cartas com a construção de uma narrativa viva e envolvente, que prende o leitor e o faz ansiar pela leitura da próxima carta.

As duas filhas de Galileu, Virgínia e Lívia, foram internadas no Convento das Clarissas, segundo um costume e uma prática (incentivados pela igreja) das famílias patrícias italianas que servia muitas vezes para fugir do pesado dote a ser pago para conseguir consumir o casamento de jovens ilegítimas. No convento, aguardava-lhes uma vida de reclusão, penúria, pobreza, trabalho, devoção e comunhão com o Senhor. Ao fazer seu voto, Virgínia toma como nome confessional sóror Maria Celeste, em homenagem às descobertas telescópicas de seu pai.

Até aqui a história seria banal, igual a centenas de outras do seicentos italiano. Mas, ao contrário de sua irmã Lívia, que responde à reclusão da maneira usual, com o silêncio e o afastamento da relação familiar e do mundo, sóror Maria Celeste abre-se, na reclusão confessional, para a realização plena do amor filial por meio de um conjunto admirável de cartas escritas ao pai entre 1623 e 1633. Com elas, sóror Maria Celeste consegue seu objetivo de chamar a atenção do pai, despertá-lo a admiração e, por fim, o amor – com provas assíduas de consideração profunda, de preocupação com a saúde, de compreensão pelos seus dissabores, de admiração pelos seus feitos, como a própria escolha do nome expressa. Pulsa nas cartas de sóror Maria Celeste o mesmo amor pela escrita que na correspondência de Galileu.

O melhor do livro está justamente nas belas narrativas de aspectos da vida cotidiana na Itália, particularmente da vida devocional e reclusa dos conventos de freiras na Florença do século 17. Nesse aspecto, a autora vale-se para sua reconstrução das belas cartas da filha de Galileu, que possuem uma admirável correspondência de estilo com as do pai: a eloquência, a elegância da língua toscana, aliada a uma fina sensibilidade e aguda perspicácia. Nelas se pode apreciar o domínio do estilo epistolar barroco, em que o mais simples pedido vem acompanhado de longas justificativas, repletas de qualificativos, deferências e súplicas.

Falta de rigor

Mas o senso narrativo não é suficiente. Falta a este livro precisamente o rigor historiográfico anunciado pela apresentação da contracapa. Nesse aspecto, há graves deficiências, algumas bem flagrantes. Primeiro, a bibliografia é quase exclusivamente de língua inglesa. A autora desconsidera totalmente autores como Alexandre Koyré, Maurice Clavelin, Ludovico Geymonat e Paolo Rossi, para falar apenas dos mais óbvios. Ora, não se pode dizer que existe rigor historiográfico onde não foram confrontadas todas as principais linhas históricas interpretativas.

Segundo, na apresentação do episódio da torre de Pisa, supostamente ocorrido em 1597, a autora reconhece ser uma fábula a história segundo a qual Galileu realizou o experimento de deixar cair bolas de pesos diferentes do alto da torre para refutar a teoria aristotélica, mas não percebe que contribui para a fábula, ao tentar explicar qual poderia ter sido o objetivo e a conclusão de Galileu, parafraseando uma passagem das “Duas Novas Ciências” de 1638. Comete, assim, o evidente anacronismo de interpretar à luz de um texto escrito 40 anos depois e, portanto, da fase madura, um suposto acontecimento do início da carreira de Galileu.

Terceiro, a autora faz reiteradas afirmações das quais não cita as fontes documentais: o que obviamente impede a verificação da veracidade ou plausibilidade da afirmação. Falha grave, pois muitos repetirão afirmações que não poderão justificar documentalmente e que, portanto, são imprecisas e podem conduzir a distorções interpretativas.

Outras deficiências historiográficas são menos óbvias, mas muito importantes. Por exemplo, o livro inicia-se com as descobertas telescópicas de Galileu em 1610 e sua partida para Florença, fazendo apenas vagas referências ao período paduano (1593-1610), em que Galileu foi professor da Universidade de Pádua na República Sereníssima de Veneza. Essa desconsideração tem consequências desastrosas para a caracterização da personalidade intelectual de Galileu, desfazendo o vínculo com alguns de seus maiores interlocutores científicos: Sagredo, Salviati e fra Paolo Sarpi. Desconsidera-se todo o período em que se forjaram os elementos mecânicos e a concepção da relação peculiar entre a matemática e a experiência no estudo da natureza, elementos que servirão de cimento para a defesa que Galileu empreenderá do sistema copernicano a partir de 1610, com o anúncio das descobertas telescópicas, até 1632, e com a publicação do “Diálogo”, obra pela qual será condenado em 1633.

O processo inquisitorial

Por fim, é completamente equivocada a análise da condenação de Galileu pela Inquisição romana. Isso se torna claro a partir de uma passagem em que a autora sintetiza sua posição: “Técnicamente falando, o edito

anticopernicano de 1616 foi lançado pela Congregação do Índice, e não pela igreja. Do mesmo modo, em 1633, Galileu foi julgado e sentenciado pelo Santo Ofício da Inquisição, e não pela igreja. E muito embora o papa Paulo 5º tenha aprovado o edito de 1616, assim como o papa Urbano 8º perdoou a convicção de Galileu, nenhum dos dois pontífices invocou a infalibilidade papal em nenhuma das duas situações” (pág. 267).

Tecnicamente falando, a Sagrada Congregação do Índice e o Santo Ofício da Inquisição são ambas instituições da Igreja Católica, sem as quais não é possível entender a atuação da igreja durante o período da Contra-Reforma e sua ação repressiva sobre a cultura humanista italiana.

Ainda maior é o equívoco de dizer que “o papa Urbano 8º perdoou a convicção de Galileu”, pois Urbano 8º condenou Galileu à abjuração de suas convicções copernicanas e à reclusão em vida. A menos que a autora esteja querendo dizer que, ao fazer assim, o papa na verdade perdoou Galileu, pois poderia, em vista de sua convicção sobre o movimento da Terra, tê-lo condenado à morte, como foi o caso de Giordano Bruno em 1600.

Infelizmente, o leitor deixará de ver o desenrolar do “drama pessoal” de Galileu, porque a autora não se limitou a narrar sua dor e prostração diante da derrota que lhe era imposta pela Inquisição e pela morte inesperada da filha em 1634. Poderia ter-se centrado mais na relação entre Galileu e sua filha, terminando com a morte de sóror Maria Celeste, com o fim da correspondência entre ambos e com o profundo sentimento de perda de Galileu. Mas a autora quis ir além, avançando sobre o terreno da avaliação e do julgamento históricos do processo inquisitorial contra Galileu, desencaminhando o leitor no entendimento da significação intelectual e cultural que esse processo judicial representou para o início da modernidade, para a consciência dos contemporâneos de Galileu. Uma história, sem dúvida, de intolerância, censura e repressão violenta, que a historiografia mais recente tem insistido em passar a limpo.

A relação entre Galileu e sóror Maria Celeste é uma bela história de amor entre uma filha reclusa e um pai famoso: uma história sobre a inevitabilidade dos condicionantes culturais e temporais. Nela pode-se ver claramente que, por maior que seja a estatura intelectual e científica do indivíduo, por maior que tenha sido sua contribuição ao desenvolvimento da racionalidade e da ciência, transcendendo na concepção a época em que vivera, ainda assim, ele também, tal como todos os outros, é, no fundo, filho de seu tempo e vive sob as limitações que lhe são abertas ou tacitamente impostas pelas condições sociais e culturais de sua época.

Dava Sobel não soube ordenar as peças desse complexo quebra-cabeças em seu livro, que não traz nenhuma contribuição significativa para o entendimento histórico de Galileu. Pretender, portanto, que esse tipo de literatura tenha “rigor historiográfico” é uma estratégia

mercadológica que não pode passar incólume ao historiador da ciência.

* * *